



Revista Organizações & Sociedade

2024, 31(110), 001-025

© Author(s) 2024

Seção: Artigo

DOI 10.1590/1984-92302024v31n0012PT

e-location: ev31n0012PT

eISSN 1984-9230 | ISSN 1413-585X

www.revistaoes.ufba.br

NPGA, School of Management

Federal University of Bahia

Editora Associada:

Claudia Simone Antonello

Recebido: 05/04/2023

Aceito: 04/08/2024

Poder, Criatividade, Inovação e a Estética da Existência na Sociedade e Organizações Contemporâneas

Anderson de Souza Sant'Anna^a

Renato Mezan^b

Matheus Cotta de Carvalho^c

^a FGV-EAESP, São Paulo, Brasil

^b PUC-SP, São Paulo, Brasil

^c Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil

Resumo

Este artigo examina possíveis discrepâncias entre o discurso em torno de uma estética da existência focada na inovação, empoderamento pessoal, autoempreendedorismo, propriedade e criatividade, e a persistente presença de contradições profundas nas mentalidades organizacionais contemporâneas e nos modelos de negócios. Baseando-se em obras de Nietzsche, Foucault e Deleuze, esta análise expõe essas contradições e suas implicações para a compreensão das dinâmicas de poder dentro das organizações. Apesar do reconhecimento da importância da subjetividade humana, os mecanismos de controle persistem, minando o potencial transformador desses ideais. Essa persistência destaca as contradições que existem entre os valores proclamados no discurso organizacional e as práticas reais que perpetuam o controle e dificultam o empoderamento genuíno. Abordar essas contradições exige uma reavaliação abrangente das mentalidades organizacionais, práticas de gestão e do contexto social e econômico mais amplo. Ao incorporar os insights desses autores, pode-se alcançar uma compreensão mais crítica e nuançada das dinâmicas de poder. Essa compreensão pode capacitar as organizações a promover

mudanças significativas, liberando assim o verdadeiro poder da subjetividade humana como uma força motriz para a inovação e o empoderamento. Este artigo destaca a urgência de confrontar as contradições entre a retórica e a realidade dentro das organizações. Integrar os insights de Nietzsche, Foucault e Deleuze fornece um framework para acadêmicos e praticantes se engajarem em uma reavaliação crítica das mentalidades e práticas organizacionais e suas implicações de longo alcance. Esta pesquisa chama por uma exploração mais aprofundada, provocando um inquérito mais profundo sobre o potencial transformador de uma estética da existência e seu impacto profundo nas práticas e mentalidades organizacionais.

Palavras-chave: poder; relações de poder; existência como obra de arte; estética da existência; movimento transhumanista.

Introdução

Este artigo tem como objetivo central analisar noções de poder em Nietzsche e autores pós-nietzschianos, como Foucault e Deleuze, explorando seus impactos em estruturas contemporâneas de poder, como a sociedade baseada no autoempreendedorismo, a governamentalidade e a sociedade de controle. Examina também a ênfase recente em novas formas de subjetividade e existência, particularmente a “existência como obra de arte”, que é apresentada como relevante no contexto contemporâneo da sociedade, dos negócios e das organizações em transição para uma sociedade digital. Um contexto que destaca a importância da criatividade, do autoempreendedorismo e da inovação como fatores centrais de diferenciação e vantagens competitivas (Boltanski & Chiapello, 2005; Jørgensen, 2010; Kärreman & Alvesson, 2011; Linstead, Maréchal, Griffin & Barry, 2014; Weick & Sutcliffe, 2007).

Nesse sentido, o principal objetivo deste artigo é examinar a noção de uma “Estética da Existência” na sociedade e organizações contemporâneas, com base nas perspectivas de Nietzsche, Foucault e Deleuze. Especificamente, o artigo visa explorar como seus conceitos de poder informam nossa compreensão das dinâmicas de poder dentro das organizações e seus efeitos nas subjetividades individuais e coletivas.

Ao examinar potenciais discrepâncias entre o discurso em torno de uma estética da existência e a persistência de contradições nas mentalidades organizacionais e modelos de negócios, o artigo busca esclarecer os desafios e implicações de colocar essas ideias em prática. Aborda a tensão entre os valores proclamados no discurso organizacional, como inovação, empoderamento e autoempreendedorismo, e as práticas reais que frequentemente perpetuam o controle e impedem o empoderamento genuíno.

Além disso, o artigo destaca a necessidade de reavaliação crítica das mentalidades organizacionais, práticas de gestão e do contexto social e econômico mais amplo. Enfatiza a urgência de confrontar as contradições entre a retórica e a realidade dentro das organizações e convoca uma exploração mais profunda do potencial transformador da estética da existência na configuração das práticas e mentalidades organizacionais.

No geral, o artigo visa contribuir para o campo dos estudos organizacionais críticos, oferecendo *insights* sobre dinâmicas de poder, subjetividade e as possibilidades de emancipação

individual e coletiva dentro das organizações e da sociedade. Faz isso aplicando como base teórica obras de Nietzsche e autores pós-nietzschianos como Foucault e Deleuze, considerados três dos pensadores mais influentes do século XX, cujas ideias sobre poder contribuíram significativamente para nossa compreensão das relações de poder contemporâneas.

Nietzsche foi um dos primeiros a argumentar que o poder não é apenas negativo, mas também pode ser produtivo e criativo. Ele propôs que a vontade de poder é o impulso fundamental dos seres humanos e que se deve esforçar para criar novos valores e modos de vida (Ansell-Pearson, 1991; Dreyfus & Rabinow, 1983; Kaufmann, 1974).

Ampliando as ideias de Nietzsche, Foucault reforçou a noção de que o poder não é apenas repressivo, mas também produtivo, moldando indivíduos e suas subjetividades. Ele desenvolveu conceitos como poder disciplinar, biopoder, governamentalidade, cuidado de si, estética da existência e existência como obra de arte, que se referem às várias técnicas e práticas usadas para governar indivíduos e populações (Deleuze, 1988; Foucault, 1997).

Deleuze, por sua vez, introduziu a noção de sociedade de controle, descrevendo uma nova forma de poder que opera por meio da modulação e controle da informação e comunicação. Ele também propôs a ideia de existência como obra de arte, argumentando que a vida deve ser vivida como uma aventura contínua criada e moldada pelos próprios indivíduos (Deleuze, 1992; Deleuze & Guattari, 1983; Lash, 2007; Protevi, 2009).

À luz desses três quadros filosóficos, é possível analisar os impactos potenciais das formas contemporâneas de poder sobre os indivíduos e suas subjetividades (Alvesson & Willmott, 2012; Deleuze, 1988; Foucault, 1997). Portanto, o conceito de existência como obra de arte oferece uma perspectiva nova sobre como os indivíduos podem resistir e subverter as relações de poder, criando novos valores e modos de vida não ditados por estruturas de poder dominantes (Deleuze, 1995; Foucault, 1980). Essa perspectiva é particularmente relevante na atual sociedade digital, onde a criatividade e a inovação são frequentemente enfatizadas como fatores cruciais para a propriedade, o empreendedorismo e o desempenho (Bilton, 2007; Christensen, 1997; Peters & Waterman, 1982; Schwab, 2017), mas também podem se tornar fontes de dominação, problemas de saúde mental e sofrimento relacionado ao trabalho (Ham, 2017).

Além disso, críticos argumentam que o movimento de autoempreendedorismo perpetua a ideologia neoliberal do individualismo e da autossuficiência, transferindo a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso para o indivíduo, em vez de abordar as questões sistêmicas em jogo. Acadêmicos como David Harvey afirmam que essa abordagem individualista ignora as estruturas sociais mais amplas que contribuem para a desigualdade e a injustiça, perpetuando um sistema que beneficia poucos em detrimento de muitos. Adicionalmente, o foco na autopromoção e na comercialização pode limitar o potencial de criatividade e inovação, pois os indivíduos se preocupam mais em atender às demandas de mercado existentes do que em perseguir ideias únicas e inovadoras (Harvey, 1989a, 1989b).

Nesse contexto, a análise do conceito de vontade de poder de Nietzsche e sua relação com a criatividade e a inovação, bem como as ideias de Foucault sobre poder disciplinar, biopoder, governamentalidade e estética da existência, e a noção de sociedade de controle e existência como obra de arte de Deleuze na sociedade digital, torna-se pertinente. Ao abordar esses objetivos e questões de pesquisa, pode-se fornecer *insights* sobre as complexas dinâmicas de poder e suas

implicações para vários domínios. Em última análise, nossa intenção é contribuir para uma compreensão mais profunda das relações de poder, subjetividade e modos de subjetivação no contexto da sociedade contemporânea, dos negócios e das organizações.

Acredita-se que a análise das noções de poder em Nietzsche, Foucault e Deleuze pode oferecer novos *insights* sobre as formas contemporâneas de poder e seu impacto na subjetividade e existência. Além disso, a noção de existência como obra de arte oferece uma nova perspectiva sobre como os indivíduos podem resistir e subverter as relações de poder, criando novos valores e modos de vida não predeterminados por estruturas de poder dominantes. Isso pode contribuir para o desenvolvimento de maneiras alternativas de viver e organizar a sociedade que priorizem a criatividade humana, autonomia e diversidade, em vez de conformidade e homogeneização. Portanto, este artigo argumenta que uma compreensão mais profunda do poder e da subjetividade, informada pelos *insights* de Nietzsche, Foucault e Deleuze, pode fornecer uma estrutura valiosa para examinar criticamente o contexto social e econômico contemporâneo.

No entanto, é importante reconhecer que a mera compreensão conceitual do poder e da subjetividade não é suficiente para promover mudanças significativas dentro das organizações e da sociedade. As implicações práticas desses *insights* filosóficos precisam ser exploradas e traduzidas em estratégias e intervenções acionáveis. Isso requer um esforço colaborativo entre acadêmicos, praticantes e formuladores de políticas para preencher a lacuna entre teoria e prática.

Para avançar ainda mais na compreensão das dinâmicas de poder e subjetividade, a pesquisa futura deve aprofundar-se em áreas específicas. Uma área de exploração pode ser a interseção de poder, tecnologia e controle digital. Compreender como o poder opera no reino digital, o papel dos algoritmos, da vigilância de dados e da modulação dos fluxos de informação pode fornecer uma compreensão mais nuançada das estruturas de poder contemporâneas.

Adicionalmente, investigar o impacto do discurso do autoempreendedorismo na criatividade, inovação e desigualdade social é crucial. Ao examinar criticamente as narrativas dominantes do individualismo e da autossuficiência, pode-se descobrir as dinâmicas de poder subjacentes que moldam as práticas organizacionais e as experiências dos indivíduos dentro delas.

Além disso, estudar o potencial transformador da existência como obra de arte em ambientes organizacionais é essencial. Isso requer explorar como as organizações podem criar ambientes que promovam a criatividade, autonomia e diversidade, ao mesmo tempo que abordam as questões sistêmicas que perpetuam a desigualdade e restringem a agência individual.

No mais, implicações desses *insights* filosóficos sobre práticas e intervenções organizacionais devem ser investigadas empiricamente. Ao examinar como os conceitos de poder propostos por Nietzsche, Foucault e Deleuze podem informar e transformar as dinâmicas organizacionais na era digital, pode-se desenvolver abordagens alternativas ao poder e à subjetividade que priorizem o bem-estar humano e o florescimento.

Em suma, este artigo fornece um exame crítico das relações de poder, informado pelas ideias de Nietzsche, Foucault e Deleuze, destacando sua relevância na compreensão das dinâmicas de poder e subjetividade contemporâneas. A noção de existência como obra de arte oferece uma perspectiva transformadora sobre como os indivíduos podem resistir às estruturas de poder dominantes e criar novas formas de viver e organizar.

No entanto, é essencial ir além das discussões teóricas e engajar-se ativamente na tradução desses *insights* em estratégias práticas para a mudança. Ao preencher a lacuna entre teoria e prática, pode-se trabalhar para criar organizações e sociedades que priorizem a criatividade humana, autonomia e diversidade, ao mesmo tempo que desafiem e transformem as dinâmicas opressivas de poder.

Por meio de colaborações interdisciplinares e pesquisa empírica, pode-se continuar a expandir a compreensão do poder, da subjetividade e das possibilidades de emancipação individual e coletiva. Essa exploração contínua contribuirá para o desenvolvimento de abordagens mais inclusivas, criativas e centradas no ser humano para práticas organizacionais, promovendo, em última instância, a humanização das organizações e da sociedade contemporânea como um todo.

Da “Vontade de Sofrer” à “Vontade de Poder”

Friedrich Nietzsche, filósofo alemão do século XIX, acreditava que a vida é uma luta constante contra obstáculos, onde o sofrimento é uma parte inerente desse processo. Nietzsche argumentava que o sofrimento pode ser transformado em uma fonte de força e motivação por meio da vontade de poder, que envolve a capacidade de agir e criar a si mesmo e o mundo (Nietzsche, 1996, 2005).

Nesse sentido, o conceito de vontade de poder emerge como uma noção central na filosofia de Nietzsche, que ele via como uma força fundamental que impulsiona o comportamento humano. De acordo com Nietzsche, a vontade de poder envolve criar e afirmar a si mesmo, em vez de meramente dominar os outros. Enquanto a vontade de poder pode ser uma força positiva para a criatividade e o progresso, também pode levar ao niilismo e à rejeição de todos os valores e significados (Nietzsche, 1996, 2005).

Para responder ao niilismo, Nietzsche introduziu o conceito do “*Übermensch*”, um símbolo de autonomia individual e o poder criativo da vontade de poder. O *Übermensch* representa a visão de Nietzsche de uma forma de humanidade nova, mais vital e dinâmica (Nietzsche, 2003, 2005).

Nietzsche via o conceito do *Übermensch* como a expressão máxima da vontade aristocrática de poder. O *Übermensch* é alguém que possui a força e a criatividade para criar seus próprios valores e objetivos, em vez de simplesmente aceitar aqueles impostos pela sociedade. Por outro lado, a mentalidade de escravo é caracterizada pela falta de vontade de poder, que se manifesta como ressentimento e desejo de vingança contra aqueles percebidos como superiores (Nietzsche, 2003, 2005).

Nessa direção, Nietzsche, por exemplo, criticou a visão cristã do sofrimento como uma virtude em si mesma, argumentando que o sofrimento não tem valor intrínseco, mas pode ser usado como uma ferramenta para a criação e transformação. Ele afirmou que a vontade de sofrer pode levar à repressão e negação da vontade de poder, e que se deve aprender a usar o sofrimento de uma maneira criativa e afirmativa. A capacidade de exercer a vontade de poder de forma eficaz é um fator-chave na determinação de quem detém o poder na sociedade (Nietzsche, 1967, 2003, 2005).

“Poder Pastoral” vs. “Vontade de Poder”

Em “*Genealogia da Moral*”, Nietzsche (1967) introduz o conceito de “poder pastoral”. Segundo ele, é uma forma de poder exercida por instituições como a igreja e o estado, baseada na figura do pastor que guia e controla o rebanho. O poder pastoral busca controlar e guiar as massas impondo valores e normas, que Nietzsche (1967) via como uma forma de opressão que limita a liberdade e a criatividade, transformando as pessoas em meros rebanhos obedientes.

Nietzsche (1967) criticou a moralidade tradicional, que ele acreditava subjugava as pessoas à autoridade divina ou social, impondo limites à sua vontade de poder. Em vez disso, ele defendia a criação de uma nova forma de poder, que chamou de “vontade de poder”. Esse tipo de poder é exercido por indivíduos que são capazes de criar seus próprios valores e objetivos, sem se submeter a autoridades externas. O exercício da vontade de poder envolve assumir a responsabilidade pela própria vida, criando seus próprios valores e perseguindo seus próprios objetivos de maneira saudável e criativa, em busca da realização pessoal e do desenvolvimento de novos valores (Nietzsche, 1967).

Para Nietzsche (1967), a luta contra o poder pastoral é uma luta pela liberdade e pela criação de novos valores. A criação de um novo tipo de poder, baseado na vontade nobre de poder, é uma maneira de transcender os limites impostos pela moralidade tradicional e alcançar uma vida plena e autêntica. Nesse sentido, Nietzsche (1967) via o exercício do poder Nobiliário como uma forma de alcançar uma vida de autenticidade e realização, livre das limitações das autoridades externas.

Tabela 1
Poder Pastoral vs. Vontade de Poder

Poder Pastoral	Vontade de Poder
Baseado na figura do pastor	Baseado na vontade de poder do indivíduo
Exercido por instituições como igreja e estado	Exercido por indivíduos que criam seus próprios valores e objetivos
Limita a liberdade e criatividade dos indivíduos	Promove a liberdade e criatividade dos indivíduos
Impõe valores e normas às massas	Cria novos valores e objetivos próprios
Submete os indivíduos à autoridade externa	Exerce poder de maneira saudável e criativa
Oprime e controla as massas	Liberta e empodera os indivíduos
Representa uma forma de poder insalubre	Representa uma forma de poder saudável

Fonte: elaborada pelos autores.

Um autor profundamente influenciado pelo conceito de poder pastoral de Nietzsche foi Foucault. Para ele, esse conceito representa uma forma de poder baseada no controle e na orientação das massas por meio da imposição de valores e normas. No entanto, Foucault foi além de Nietzsche ao desenvolver sua própria teoria do poder, que ele chamou de “microfísica do poder”. Em contraste com a visão de Nietzsche, que enfatizava a existência de um poder centralizado e institucionalizado, Foucault argumentou que o poder está presente em todas as relações sociais e é exercido de maneira descentralizada e fragmentada (Elden, 2017; Dreyfus & Rabinow, 1983; Gordon, 1980; May, 1994; Rabinow, 1984).

De acordo com a microfísica do poder, o poder está presente em todas as relações sociais e é exercido de maneira fragmentada e descentralizada. Foucault sugeriu que o poder não é uma posse, mas sim uma rede complexa e fluida de relações que moldam e regulam nossas ações e pensamentos (Foucault, 1980).

Nesse sentido, o poder não é exercido apenas por aqueles que ocupam posições formais de autoridade, mas também por indivíduos e grupos em suas ações e práticas cotidianas. Em vez disso, ele enfatiza a natureza sutil e pervasiva do poder na vida cotidiana. Foucault argumentou que o poder nem sempre é repressivo, mas também pode ser produtivo, criando novas possibilidades e modos de comportamento. O poder não diz respeito apenas à coerção e dominação, mas também ao conhecimento, ao discurso e à criação de subjetividades (Foucault, 1980).

Nessa direção, o poder disciplinar e o poder pastoral compartilham a ideia de que o poder é exercido por meio da imposição de normas e valores. Ambos os tipos de poder buscam controlar e moldar o comportamento das pessoas, embora de maneiras diferentes. Enquanto o poder pastoral é exercido por instituições como a igreja e o estado, que buscam controlar e guiar as massas por meio da imposição de valores e normas, o poder disciplinar é exercido por instituições como a prisão, a escola e o hospital, que buscam controlar e moldar o comportamento das pessoas por meio de técnicas disciplinares. No entanto, ambos os tipos de poder são formas de opressão que limitam a liberdade e a criatividade das pessoas, transformando-as em meros rebanhos obedientes. Nietzsche e Foucault argumentam que a submissão ao poder é internalizada pelas pessoas, tornando-se uma parte fundamental de sua identidade e subjetividade. A luta contra o poder pastoral e o poder disciplinar é uma luta pela liberdade e pela criação de novos valores e formas de resistência que possam desafiar e transformar as relações de poder existentes (Foucault, 1980).

Portanto, embora existam diferenças importantes entre as teorias de poder de Nietzsche e Foucault, há uma relação significativa entre o conceito de poder disciplinar em Foucault e a noção de poder em Nietzsche. Ambos os filósofos acreditavam que o poder é uma força onipresente que permeia todas as relações sociais e exerce um efeito determinante na vida das pessoas. No entanto, enquanto Nietzsche enfatizava a importância da vontade de poder como a força motriz por trás das ações humanas, Foucault focava em como o poder é exercido por meio de instituições e práticas sociais específicas. Para Foucault, o poder disciplinar é uma forma de poder que é exercida por instituições como a prisão, a escola e o hospital, que buscam controlar e moldar o comportamento das pessoas por meio de técnicas disciplinares (Foucault, 1980).

O poder disciplinar, assim como o poder em Nietzsche, é exercido de maneira sutil e invisível, moldando como as pessoas pensam e se comportam. Ambos os filósofos argumentam que a submissão ao poder é internalizada pelas pessoas, tornando-se uma parte fundamental de sua identidade e subjetividade (Deleuze, 1988; Elden, 2017; Kail, 2011; May, 1994).

Outro conceito importante na análise do poder de Foucault é a noção de “biopoder” (Foucault, 2008). De acordo com Foucault (2008), o biopoder é uma forma de poder que emergiu nas sociedades modernas com o surgimento da biologia e a gestão das populações. Diferentemente do poder disciplinar, que se concentra nos corpos individuais, o biopoder opera no nível das populações, buscando controlar e gerir a vida e a morte, a saúde e a doença, e a reprodução e a sexualidade.

Enquanto o poder disciplinar busca produzir corpos dóceis por meio da imposição de regras e procedimentos, o biopoder busca gerir toda a população por meio da implementação de políticas e regulamentos que afetam a saúde, a higiene e o bem-estar social. Nesse sentido, o biopoder difere do poder disciplinar por estar preocupado com a regulação da própria vida, e não apenas com o comportamento dos indivíduos (Foucault, 2008).

No entanto, o biopoder também complementa o poder disciplinar ao se apoiar em mecanismos similares de vigilância e controle, como o uso de estatísticas e a criação de padrões normativos. Ambas as formas de poder buscam regular e gerir corpos, mas em diferentes níveis de análise (Foucault, 2008).

Em suma, o biopoder e o poder disciplinar são formas de poder que buscam regular e controlar corpos, mas operam em diferentes níveis e utilizam diferentes mecanismos de controle (Foucault, 2008). Enquanto o poder disciplinar se preocupa com os corpos individuais, o biopoder opera no nível das populações, buscando gerir a vida e a morte, a saúde e a doença, e a reprodução e a sexualidade por meio de políticas e regulamentos (Tabela 2).

Tabela 2
Poder Pastoral, Poder Disciplinar e Biopoder

Poder	Características
Pastoral	Baseado na relação entre o pastor e o rebanho. É caracterizado pela orientação, cuidado e proteção. O objetivo é assegurar o bem-estar do rebanho e sua obediência à autoridade do pastor.
Disciplinar	Baseado no controle dos corpos e na regulação dos comportamentos. É caracterizado pela criação de espaços específicos, como prisões, escolas e hospitais, e pelo uso de técnicas como vigilância, normalização e exame. O objetivo é produzir corpos dóceis e produtivos que se conformem às normas sociais.
Biopoder	Baseado na gestão das populações e na regulação da própria vida. É caracterizado pelo controle de processos biológicos, como nascimento, morte e saúde, e pelo uso de estatísticas e conhecimento demográfico para governar populações inteiras. O objetivo é maximizar o poder e a produtividade da população, minimizando riscos e ameaças ao estado.

Fonte: elaborada pelos autores.

Ao mesmo tempo, é possível observar uma relação significativa entre o poder pastoral, o poder disciplinar, o biopoder e a noção de poder na sociedade de controle, conforme descrito por Deleuze (Lazzarato, 2014; Hardt & Negri, 2000).

Deleuze desenvolveu o conceito de sociedade de controle como uma crítica ao modelo de sociedade disciplinar proposto por Foucault. De acordo com ele, na sociedade disciplinar, o poder é exercido por instituições como a prisão, a escola e o hospital, que buscam controlar e moldar o comportamento das pessoas por meio de técnicas disciplinares. No entanto, Deleuze argumenta que, com o surgimento da sociedade de controle, esse modelo de poder disciplinar é substituído por um modelo de controle mais flexível e difuso (Deleuze, 1995, 1992; Hardt & Negri, 2000; Poster, 2004).

Na sociedade de controle, o poder não é mais exercido por instituições centralizadas e institucionalizadas, mas por um conjunto de dispositivos que se estendem por toda a sociedade. Esses dispositivos incluem tecnologias de informação e comunicação, o mercado e o consumo, que

criam uma rede de controle que cobre todas as esferas da vida social (Deleuze, 1992). De maneira semelhante, a liberdade e a criatividade das pessoas são limitadas não por instituições centralizadas, mas por uma lógica de controle que permeia todas as relações sociais. Essa lógica de controle é baseada na produção e gestão da informação e na criação de novas formas de consumo e subjetividade (Deleuze, 1992).

Deleuze (1992) argumenta que a sociedade de controle é caracterizada por constante adaptação e flexibilidade, em contraste com a rigidez e disciplina da sociedade disciplinar. Ele enfatiza a importância da resistência como uma forma de desafiar e transformar as relações de poder existentes na sociedade de controle.

Assim, para Deleuze (1992), a sociedade de controle é uma forma mais sutil e difusa de exercício do poder, que se baseia na produção e gestão da informação e na criação de novas formas de consumo e subjetividade. A resistência torna-se uma forma de luta contra essa lógica de controle, que permeia todas as relações sociais e limita a liberdade e a criatividade das pessoas.

Deleuze (1992) também argumenta que as formas contemporâneas de poder foram além do poder pastoral da sociedade tradicional e do poder disciplinar da era industrial moderna e agora são caracterizadas pelo controle da informação e comunicação. Nesse contexto, o poder pastoral, que busca controlar e orientar as massas por meio da imposição de valores e normas, está sendo substituído por uma forma de poder mais difusa e descentralizada, que opera por meio de redes e tecnologias de comunicação. O poder disciplinar, que busca controlar e moldar o comportamento dos indivíduos por meio de instituições como prisões e escolas, também está sendo transformado pelo surgimento de novas formas de controle baseadas na vigilância e na análise de dados. O biopoder, que se preocupa com a regulação da vida e da morte, está se tornando cada vez mais importante no contexto da sociedade de controle, à medida que as populações são geridas por meio da manipulação de processos biológicos, como a prevenção de doenças e a engenharia genética.

Ainda de acordo com Deleuze (1992), essas novas formas de exercício do poder são caracterizadas por sua flexibilidade e adaptabilidade, operando por meio da criação de redes e fluxos, em vez de instituições fixas. Isso cria novas oportunidades para a resistência, pois indivíduos e grupos podem interromper esses fluxos e criar novas formas de organização e comunicação.

A Tabela 3 apresenta diferentes tipos de poder na sociedade pós-moderna, destacando as características propostas por Nietzsche, Foucault e Deleuze.

Tabela 3
Diferentes tipos de poder na sociedade pós-moderna

Poder (Características)	Nietzsche	Foucault	Deleuze
Ideia	Vontade de poder	Microfísica do poder	Sociedade de Controle
Tipo	Poder Nobiliário	Poder disciplinar	Poder de controle
Objetivos	Autorrealização, criando novos valores e objetivos	Resistência e Transformação do poder	Resistência e libertação
Instrumentos	Superação de limitações, afirmação da individualidade	Instituições e técnicas disciplinares	Tecnologias da informação, mercado e consumo
Foco	Individualidade e liberdade	Poder onipresente e difuso	Rede de controle, Produção e consumo
Críticas	Natureza opressiva do poder pastoral e da moralidade tradicional	Natureza oculta do poder e seu impacto nos indivíduos	Natureza perversa do controle e seu impacto na individualidade e criatividade

Fonte: elaborada pelos autores.

Foucault, em seus estudos posteriores, examina as formas como o poder opera na era moderna por meio de várias formas de governo, como o governo liberal e a governamentalidade neoliberal. Ele argumenta que essas formas de governo não se preocupam apenas com a manutenção da ordem ou o controle dos indivíduos, mas também com a formação dos indivíduos para que se tornem autogovernados e autodisciplinados. Esse processo envolve uma rede complexa de técnicas, tecnologias e práticas que operam em múltiplos níveis, do individual ao coletivo, e que moldam as maneiras como os indivíduos entendem e agem sobre si mesmos. Em geral, sua abordagem ao poder foca na natureza difusa e produtiva do poder, na ênfase na formação dos indivíduos por meio de práticas e discursos cotidianos, e na análise das técnicas e tecnologias complexas e variadas que compõem os processos de governo (Foucault, 1980).

A Tabela 4 apresenta diferentes características, conceitos, agências, objetivos, estratégias e formas de exercício do poder em relação à governamentalidade e à sociedade de controle. A governamentalidade enfatiza a natureza difusa e produtiva do poder, exercido por meio de instituições e práticas governamentais, com o objetivo de produzir e gerir populações para o bem-estar geral. Suas principais estratégias são a disciplina e a vigilância, e ela produz o indivíduo como um sujeito governado, que deve se conformar às normas e regras estabelecidas. Em contraste, a sociedade de controle enfatiza o exercício do poder por meio do controle da informação e da produção de subjetividades, utilizando tecnologias de informação e comunicação como sua principal agência. Seu objetivo é controlar a produção e circulação de informações e subjetividades, maximizando a eficiência e a produtividade, com a vigilância e a modulação como principais estratégias. Ela visa produzir um sujeito controlado, a ser modulado para maximizar a eficiência e a produtividade, potencialmente limitando a liberdade individual.

Tabela 4
Governamentalidade vs. Sociedade de Controle

Poder (Características)	Governamentalidade	Sociedade de Controle
Conceito	O poder é difuso e presente em todas as relações sociais	O poder é exercido por meio do controle da informação e da produção de subjetividades
Agência	O poder é exercido por meio de instituições e práticas governamentais	O poder é exercido por meio de tecnologias de informação e comunicação
Objetivos	O objetivo é produzir e gerir populações, promovendo o bem-estar geral	O objetivo é controlar a produção e circulação de informações e subjetividades, maximizando a eficiência e a produtividade
Estratégias	Disciplina e vigilância são as principais estratégias de poder	Vigilância e modulação são as principais estratégias de poder
Relação com a Liberdade	O poder governamental é exercido em nome da liberdade e do bem-estar geral	O controle é exercido em nome da segurança e eficiência, e pode limitar a liberdade individual
Formas de Subjetivação	O indivíduo é produzido como um sujeito governado, que deve se conformar às normas e regras estabelecidas	O indivíduo é produzido como um sujeito controlado, a ser modulado para maximizar a eficiência e a produtividade

Fonte: elaborada pelos autores.

Apesar de suas diferenças, todas as formas de poder buscam exercer controle sobre a vida das pessoas e regular o comportamento por meio da imposição de valores, normas e procedimentos disciplinares. O poder pastoral controla almas e pensamentos, o poder disciplinar produz corpos dóceis e úteis, e o biopoder regula a vida e a morte. Essas formas de poder limitam a liberdade e a criatividade das pessoas e são opressivas por natureza (Foucault, 1995).

Foucault também foi influenciado pelo conceito de resistência de Nietzsche e acreditava que o poder está em constante luta com formas de resistência que surgem da própria sociedade. De acordo com sua análise do poder, o poder não é uma entidade estática, mas uma força perversa presente em todas as relações e práticas sociais. Portanto, a resistência ao poder não é apenas um ato isolado de oposição, mas um processo contínuo de negociação, subversão e transformação das relações de poder (Foucault, 2008).

Segundo a análise do poder de Foucault, a resistência assume muitas formas, desde a rebelião aberta e o protesto até práticas cotidianas sutis, como evasão, subversão e conduta contrária. Pode ser individual ou coletiva, consciente ou inconsciente, e pode ocorrer em vários domínios da vida social, incluindo política, cultura, organizações e vida cotidiana (Foucault, 2008).

Nesse sentido, a resistência não é meramente uma reação ao poder, mas também produz novas formas de relações de poder. É uma força produtiva que pode criar novas possibilidades e alternativas às relações de poder existentes, como novas formas de subjetividade, conhecimento e relações sociais. Portanto, a resistência não é apenas um meio de se opor ao poder, mas também um meio de criar novas possibilidades e alternativas às relações de poder existentes (Foucault, 2008).

“Existência como Obra de Arte”

Para Nietzsche (1976), o artista é uma figura crucial no desenvolvimento da cultura humana e a personificação dos mais altos valores humanos. Nietzsche via o artista como alguém capaz de criar novos valores e transfigurar o mundo por meio do poder de sua imaginação criativa. O artista, na visão de Nietzsche, é alguém que transcende as limitações da moralidade tradicional e abraça a vida em todas as suas formas, incluindo seus aspectos mais sombrios, como o sofrimento e o caos.

Na visão de Nietzsche, o artista também é alguém que tem a coragem de confrontar o abismo e o vazio que estão no coração da existência humana. Por meio de seu trabalho criativo, o artista é capaz de dar significado e propósito à vida, mesmo diante das formas mais profundas de sofrimento e falta de sentido (Nietzsche, 1976).

No entanto, ele também reconhecia que o artista é um indivíduo raro e excepcional, e que a maioria das pessoas não é capaz do tipo de visão criativa e transfiguração que o artista personifica. Mesmo assim, ele acreditava que o exemplo do artista poderia inspirar outros a abraçar seu próprio potencial criativo e buscar novas formas de viver e experimentar o mundo.

Nesse sentido, a admiração inicial de Nietzsche por Wagner pode ser explicada (Nietzsche, 1976). Ele via em Wagner um artista que tinha a habilidade de criar uma arte que expressava a vida intensamente e apaixonadamente, além de apresentar uma filosofia de vida que pregava a busca da individualidade e do amor livre (Nietzsche, 1976).

De acordo com Nietzsche, Wagner era o protótipo do *Übermensch*. Um artista que tinha a coragem de desafiar as convenções sociais e a moralidade tradicional, e que ousava ir além dos limites estabelecidos para criar uma nova forma de arte e vida. Nietzsche via em Wagner uma figura de grandeza, capaz de criar algo novo e transformador, e que incorporava as ideias de vontade de poder e transvaloração dos valores que ele próprio defendia em sua filosofia (Nietzsche, 1976). No entanto, mais tarde, Nietzsche distanciou-se de Wagner, criticando suas obras e sua influência na cultura alemã (Nietzsche, 1976).

Vários motivos acabaram resultando no rompimento de Nietzsche com Wagner. Um dos principais motivos foi o envolvimento crescente de Wagner com o nacionalismo alemão e o antissemitismo, que Nietzsche se opunha fortemente. Além disso, Nietzsche via as visões de Wagner como contraditórias à sua própria filosofia, que enfatizava o individualismo e a rejeição da moralidade tradicional e das convenções sociais. Adicionalmente, Nietzsche desiludiu-se com a música de Wagner, acreditando que ela havia se tornado muito sentimental e carecia da intensidade e paixão que ele originalmente admirava. Nietzsche também via a influência de Wagner em sua própria vida e pensamento como limitante e, em última análise, prejudicial ao seu desenvolvimento intelectual. Como resultado, ele distanciou-se dele e eventualmente tornou-se um de seus críticos mais severos (Nietzsche, 1976). Em suma, a nova ética de Nietzsche propõe que a vida é uma obra de arte, que deve ser criada e moldada a partir da vontade de poder. A arte deve transcender as limitações impostas pela moralidade e pelos valores tradicionais por meio da beleza e da criatividade (Nietzsche, 1976).

Em suas últimas obras, a análise de Foucault sobre os gregos também pode ser vista como uma forma de crítica estética, à medida que ele examina as maneiras pelas quais os gregos criaram novas formas de existência e modos de ser por meio de suas práticas de cuidado de si e auto-

transformação, uma forma de criação estética, pois os gregos buscavam criar novos modos de ser por meio do cultivo de si mesmos (Foucault, 1997, 1984).

Dessa forma, Nietzsche e Foucault compartilham uma ênfase comum na criatividade, auto-transformação e na capacidade de moldar e formar a própria vida, vendo a existência humana como um processo criativo e transformador que pode ser moldado e formado. O conceito de *Übermensch* de Nietzsche e a noção de “cuidado de si” de Foucault compartilham uma ideia semelhante de auto-criação e auto-formação. Ambos os autores enfatizam a importância de resistir e transformar as estruturas de poder existentes e criar novas formas de existência e subjetividade (Foucault, 1997; Nietzsche, 1976), apesar de abordarem a existência humana como uma obra de arte a partir de ângulos diferentes.

Tabela 5
***Übermensch* vs. Transumano**

Conceito	<i>Übermensch</i>	Transumano
Visão Geral	Superar as limitações humanas e criar novos valores e modos de vida.	Transformar a condição humana por meio de tecnologias avançadas para alcançar o aprimoramento e a transcendência do corpo e da mente.
Natureza Humana	A natureza humana é dinâmica e pode ser moldada pela vontade de poder do indivíduo.	A natureza humana pode ser melhorada e aprimorada por meio do uso da tecnologia.
Objetivo	Criar um novo tipo de humano, livre das limitações impostas pela tradição e moralidade.	Transformar a humanidade em uma espécie mais avançada e aprimorada, superando as limitações biológicas e melhorando a qualidade de vida.
Valores	Valoriza a autonomia, criatividade e auto-superação.	Valoriza o uso da tecnologia para alcançar o aprimoramento e melhorar a condição humana.
Críticas	O conceito pode ser visto como elitista.	As críticas incluem preocupações éticas, de segurança e de dependência em relação à tecnologia.

Fonte: elaborada pelos autores.

Neste cenário, enquanto a visão transhumanista de “pós-humano” pode parecer atraente, ela também tem implicações profundas para a identidade humana e a desigualdade social. Uma das principais críticas ao transhumanismo é que ele pode levar à desumanização da humanidade, resultando na perda da identidade e individualidade humanas. Ao buscar uma transformação radical em direção a uma pós-humanidade, o movimento transhumanista pode contribuir para a dessubjetivação e objetificação dos humanos, transformando-os em máquinas ou meros objetos a serem aprimorados e controlados, em vez de indivíduos únicos e subjetivos (Liao, 2010).

Além disso, a busca pelo aprimoramento tecnológico pode exacerbar as desigualdades sociais, pois o acesso às tecnologias de aprimoramento pode ser limitado a uma elite privilegiada. Isso pode intensificar os dispositivos de dominação – mais do que de poder (Foucault, 1984) – para contingentes cada vez mais amplos de seres humanos. O sonho transhumanista – ou pesadelo – de um futuro pós-humano também pode levar à eliminação de aspectos críticos da experiência humana, como emoções e interação social. A ênfase no aprimoramento tecnológico pode levar a

uma sociedade mais isolada e desumanizada, onde as conexões e interações humanas são cada vez mais mediadas pela tecnologia (Berardi, 2011; Turkle, 2011).

A transição em curso para a chamada “quarta revolução industrial” (Schwab, 2017) trouxe avanços sem precedentes na tecnociência e na indústria farmacêutica, destacando movimentos transhumanistas que defendem a ideia de que os humanos podem ser aprimorados e transcendidos por meio do uso de tecnologias avançadas, como inteligência artificial, biotecnologia e nanotecnologia (Kurzweil, 1999). Os transhumanistas acreditam que a humanidade pode alcançar um estado pós-humano, no qual as capacidades cognitivas, físicas e emocionais dos indivíduos são significativamente aprimoradas (Bostrom, 2005; Butler, 1997; Harari, 2017).

Vale notar, entretanto, as diferenças entre as noções de transhumanismo e pós-humanismo – ou pós-humanismos. Embora o artigo reconheça a importância do transhumanismo, é essencial esclarecer sua distinção filosófica em relação ao pós-humanismo. Filosoficamente, o transhumanismo representa uma continuação do humanismo iluminista, semelhante a um ultra-humanismo em vez de um pós-humanismo (Braidotti, 2013; Ferrando, 2019).

O movimento transhumanista, alinhado à noção moderna de progresso civilizacional, visa acelerar a transição do humano para o pós-humano por meio da ciência e tecnologia, como enfatizado neste artigo. Por outro lado, os pós-humanismos tendem a examinar criticamente os valores iluministas, como o progresso e a razão, e não têm um propósito explícito como o transhumanismo. Eles oferecem perspectivas alternativas que questionam suposições antropocêntricas e exploram o potencial de tecnologias emergentes e novas formas de existência. Ao considerar as críticas e insights oferecidos pelos pós-humanismos, pode-se obter uma compreensão mais abrangente das complexidades e implicações das dinâmicas de poder dentro dos contextos organizacionais.

Em geral, enquanto este artigo reconhece a importância do transhumanismo na análise das relações de poder, também reconhece a importância de se engajar com as perspectivas pós-humanistas. Ao incorporar uma compreensão nuançada tanto do transhumanismo quanto dos pós-humanismos, pode-se aprofundar nossa compreensão da natureza transformadora do poder e suas implicações para as dinâmicas organizacionais. Essa integração abre caminhos para a reflexão crítica e a exploração de futuros alternativos que priorizam relações de poder éticas, inclusivas e sustentáveis dentro das organizações.

Uma “Estética da Existência” Transhumanista

Essa discussão destaca a relevância do conceito de estética da existência desenvolvido por Nietzsche, Foucault e Deleuze, embora com significados diferentes (Deleuze, 1988; Foucault, 1997; Nietzsche, 1976).

A estética da existência de Nietzsche refere-se à ideia de abordar a vida como uma obra de arte, criada e moldada de acordo com a vontade de poder do indivíduo. Em contraste, a estética da existência de Foucault relaciona-se à ideia de transformar a própria vida por meio de práticas de autorreflexão e autocuidado. Ele propõe uma teoria ética da existência que enfatiza a autoexaminação crítica e a construção ativa do próprio quadro ético. Enquanto isso, a estética da existência de Deleuze destaca a importância da liberdade e da criatividade na construção de novas

formas de vida e na crítica radical da moralidade tradicional e das normas sociais (Nietzsche, 2007, 1976).

Para Nietzsche, a estética da existência refere-se à ideia de que a vida deve ser abordada como uma obra de arte, a ser criada e moldada de acordo com a vontade de poder do indivíduo. Isso envolve um processo ativo de autocriação, onde os indivíduos se esforçam para cultivar seu próprio estilo estético único e expressar sua individualidade. Nietzsche via isso como um meio de transcender as limitações da moralidade tradicional e criar novos valores que afirmam a vida em sua plenitude (Deleuze & Guattari, 1987; Foucault, 1986, 1984; Nietzsche, 2007, 1976).

Por outro lado, para Foucault, a estética da existência está relacionada à ideia de que os indivíduos podem transformar suas próprias vidas por meio de práticas de autorreflexão e autocuidado. Isso envolve um exame crítico das normas e práticas que moldam nossa subjetividade e o desenvolvimento de práticas que promovem a auto-transformação e a auto-melhoria. Foucault enfatizou a importância da autonomia individual e da criatividade na construção da própria existência estética (Foucault, 1988, 1986, 1984).

Particularmente em sua trilogia sobre a “História da Sexualidade”, Foucault começou a desenvolver uma teoria ética da existência que pode ser entendida como uma forma de criar a si mesmo como uma obra de arte. Nessa fase, Foucault propõe uma nova maneira de entender a ética, focada na ideia de criar a si mesmo como uma obra de arte. Ele argumentou que os indivíduos devem ser vistos como sujeitos que se produzem por meio de um processo contínuo de autocriação, em vez de simplesmente como objetos a serem moldados por forças externas, como instituições ou tradições.

Esse processo de autocriação envolve um exame crítico dos próprios desejos, crenças e atitudes, e a construção ativa de um modo de vida que seja ao mesmo tempo satisfatório e significativo. Essa teoria ética da existência enfatiza a importância da autoconsciência, criatividade e experimentação na busca de uma vida rica e gratificante (Foucault, 1984, 1986, 1997).

Para Deleuze, a estética da existência está relacionada à ideia de que a vida é uma aventura criativa, que deve ser vivida intensamente e com plenitude. Ele argumentou que a busca por novas experiências e novos modos de vida é fundamental para a construção de uma vida rica e significativa. Além disso, Deleuze propôs uma crítica à moralidade tradicional e enfatizou a importância da experimentação e criação na construção de uma ética baseada na liberdade e na vontade de poder (Deleuze, 1990; Deleuze & Guattari, 1980).

Apesar de suas diferenças, todos os três filósofos veem a vida como um processo criativo que envolve a produção de novos valores e formas de existência. Eles também enfatizam a importância da liberdade individual e a rejeição das normas morais e sociais tradicionais na busca de uma vida rica e significativa.

Nesse sentido, o conceito de estética da existência pode ser crucial para as organizações navegarem pelos desafios impostos pelo movimento transhumanista, que requer uma nova compreensão do conceito de humano e do papel da tecnologia na formação de nossa existência.

É inegável que o movimento transhumanista apresenta um desafio significativo para as organizações e a sociedade como um todo. Para enfrentar esses desafios, é preciso abordar essas questões de forma crítica e estar ciente dos potenciais riscos de intensificação das desigualdades

sociais e de contribuição para a desumanização dos indivíduos. É aqui que entra o conceito de estética da existência, oferecendo uma perspectiva relevante para que a sociedade e as organizações promovam uma abordagem mais centrada no ser humano em relação à inovação, enfatizando a importância da liberdade individual, criatividade e auto-criação.

Afinal, quais são os objetivos desse movimento e como eles se intersectam com nossa compreensão atual da estética societal e organizacional? Qual é o conceito de humano associado aos avanços tecnocientíficos sem precedentes? Como esses avanços têm sido acompanhados pelo pensamento sobre a estética da existência a eles associada? (Tabela 6).

Tabela 6

Estética da Existência em Nietzsche, Deleuze e Foucault e o movimento transhumanista

Características	Nietzsche	Foucault	Deleuze	Transhumanismo
Conceito de Vida e Existência	Processo criativo de novos valores e formas de vida.	Microfísica do poder com foco no cuidado de si.	Imanência e criatividade, conectadas ao desejo e ao afeto.	Pós-humanismo.
Liberdade Individual e Rejeição de Normas Tradicionais	Enfatiza a importância da liberdade individual e rejeição das normas morais e sociais tradicionais.	Enfatiza a microfísica do poder e a natureza oculta do poder.	Enfatiza a importância da liberdade individual e rejeição das normas morais e sociais tradicionais.	Enfatiza a transcendência do corpo e da mente por meio de tecnologias avançadas, como inteligência artificial, biotecnologia e nanotecnologia.
Objetivo	Autorrealização, criando novos valores e formas.	Resistência e transformação do poder com foco ético no cuidado de si.	Criar novos valores e modos de existência.	Alcançar o aprimoramento e a transcendência da condição humana.
Críticas	Natureza opressiva do poder pastoral e da moralidade tradicional.	A natureza oculta do poder e seu impacto nos indivíduos.	Críticas às noções tradicionais de poder e seus efeitos.	Críticas incluem preocupações éticas, de segurança e de dependência em relação à tecnologia.
Uma imagem ¹				

Fonte: elaborada pelos autores.

A Tabela 6 apresenta a estética da existência em Nietzsche, Deleuze, Foucault e no movimento transhumanista, destacando suas características e a interseção de seus objetivos com nossa compreensão atual dos modos de subjetivação e da estética social e organizacional. Por exemplo, o movimento transhumanista, conforme descrito na tabela, busca alcançar o aprimoramento e a transcendência da condição humana por meio de tecnologias avançadas, como inteligência artificial, biotecnologia e nanotecnologia. Ao abraçar o progresso tecnológico, os transhumanistas vislumbram um futuro em que os humanos possam superar suas limitações

biológicas e alcançar novos níveis de capacidades cognitivas, físicas e emocionais, de maneira profundamente utilitária e instrumental.

No contexto de avanços tecnocientíficos sem precedentes, o conceito de humano passa por transformações significativas. A visão de um futuro pós-humano envolve a transcendência do corpo e da mente humanos, borrando as fronteiras entre o orgânico e o artificial, e abrindo possibilidades para novos modos de existência.

Nesse sentido, é essencial refletir criticamente sobre as implicações desses avanços e a estética da existência que os acompanha. A busca pelo aprimoramento e pela transcendência levanta considerações éticas e críticas em relação à potencial desumanização da humanidade. À medida que o foco se desloca para o aumento das capacidades humanas, há o risco de negligenciar aspectos essenciais da experiência humana, como emoções, interações sociais e o valor inerente da existência incorporada.

Além disso, o movimento transhumanista introduz desafios e preocupações em relação às desigualdades sociais e ao acesso às tecnologias de aprimoramento. A potencial divisão entre aqueles que têm acesso a essas tecnologias e aqueles que não têm pode exacerbar ainda mais as disparidades existentes, criando um mundo onde poucos privilegiados se beneficiam desproporcionalmente dos ideais transhumanistas.

Conclusão

A análise do poder dentro dos marcos filosóficos de Nietzsche, Foucault e Deleuze oferece uma perspectiva crítica e cientificamente informada sobre as dinâmicas de poder nas organizações. As ideias desses filósofos desafiam as concepções tradicionais de poder e propõem entendimentos alternativos de seu funcionamento. Nietzsche enfatiza a vontade de poder e o papel do indivíduo na criação de valores e formas de vida. Foucault foca na microfísica do poder, examinando como o poder opera nas práticas cotidianas, instituições e discursos. Deleuze introduz uma nova ontologia do poder que enfatiza sua imanência, criatividade e conexão com o desejo e o afeto.

Esses marcos conceituais têm implicações significativas para as formas contemporâneas de poder, como a sociedade de controle caracterizada pelo controle da informação, modulação do comportamento e emergência de novas subjetividades. A tecnologia desempenha um papel crucial ao permitir um controle sem precedentes sobre os indivíduos, levantando questões profundas sobre aprimoramentos cognitivos, inteligência artificial e interfaces homem-máquina no contexto do transhumanismo. O advento de indivíduos tecnologicamente aprimorados introduz novas dimensões às relações de poder, incluindo questões de controle, vigilância e considerações éticas.

Os conceitos de governamentalidade e a hipótese repressiva enfatizam a necessidade de formas alternativas de subjetivação e existência, sublinhando a importância da liberdade, criatividade, experimentação e criação de novos valores e modos de ser. Essas perspectivas filosóficas oferecem insights valiosos sobre as dinâmicas de poder dentro das organizações. O conceito de vontade de poder de Nietzsche nos ajuda a compreender as motivações e ações de indivíduos e grupos dentro das estruturas de poder. As ideias de Foucault lançam luz sobre estruturas hierárquicas, mecanismos de vigilância e técnicas disciplinares presentes nas

organizações. O marco teórico de Deleuze explora as relações de poder em organizações em rede e o impacto dos avanços tecnológicos.

Para responder à pergunta de pesquisa “Como os conceitos de poder propostos por Nietzsche, Foucault e Deleuze informam nossa compreensão das dinâmicas de poder dentro das organizações e seus efeitos nas subjetividades individuais e coletivas?”, este artigo fornece uma análise abrangente das relações de poder com base nas filosofias desses três pensadores.

Ao aplicar esses marcos conceituais a fenômenos organizacionais específicos, o artigo revela lutas de poder, práticas disciplinares, mecanismos de vigilância e os efeitos dos avanços tecnológicos. Demonstra como essas perspectivas filosóficas aprofundam nossa compreensão das dinâmicas de poder dentro das organizações e sua influência nas subjetividades individuais e coletivas. Além disso, destaca a necessidade de novas formas de subjetivação e existência, enfatizando liberdade, criatividade, experimentação e criação de novos valores e modos de ser.

Os insights obtidos de Nietzsche, Foucault e Deleuze informam nossa compreensão do poder como uma força produtiva e criativa, desafiando as concepções tradicionais de poder como exclusivamente repressivo. Eles fornecem uma base para examinar criticamente o contexto contemporâneo das relações de poder dentro das organizações e oferecem caminhos para a emancipação individual e coletiva. A noção de existência como obra de arte emerge como um poderoso marco para promover o empoderamento individual, propriedade, criatividade e inovação diante dos mecanismos de controle e vigilância. No entanto, é crucial reconhecer que o discurso contemporâneo muitas vezes falha em alinhar-se com os princípios da existência como obra de arte, à medida que os mecanismos de controle e vigilância persistem e proliferam.

De fato, o transhumanismo, como uma vertente do pensamento pós-humanista, perturba as compreensões convencionais do que significa ser humano. Essa perturbação nos leva a examinar as implicações dos aprimoramentos cognitivos, inteligência artificial e interfaces homem-máquina nos processos de tomada de decisão, estruturas de liderança e autonomia dos empregados. Além disso, o potencial de indivíduos tecnologicamente aprimorados ou agentes “pós-humanos” introduz novas dimensões às relações de poder, abrangendo questões de controle, vigilância e considerações éticas. Isso exige um exame crítico dos benefícios, riscos e implicações mais amplas dessas tecnologias para indivíduos, grupos e o contexto organizacional como um todo.

Simultaneamente, a análise das relações de poder nos contextos de governamentalidade e da hipótese repressiva – particularmente o poder pastoral – destaca a necessidade de novas formas de subjetivação e existência, enfatizando a noção de existência como obra de arte. Esse conceito sublinha a importância da liberdade e criatividade na construção de novos modos de vida, bem como a significância da experimentação e criação de novos valores e modos de existência.

As ideias de Foucault sobre poder e conhecimento também são particularmente relevantes ao analisar dinâmicas de poder dentro das organizações contemporâneas. Seus conceitos de poder disciplinar e biopoder iluminam como instituições e práticas exercem controle sobre os indivíduos, moldando seus comportamentos e subjetividades. Essa perspectiva expõe estruturas hierárquicas, mecanismos de vigilância e técnicas disciplinares presentes nas organizações. Compreender o poder por meio dessa lente nos permite desvendar os mecanismos que influenciam conformidade, conformismo e resistência nos contextos organizacionais.

A noção de sociedade de controle de Deleuze adiciona uma camada adicional de análise ao estudo do poder dentro das organizações. Enfatizando a natureza difusa e descentralizada do poder viabilizada pelas tecnologias de informação e comunicação, esse marco nos permite explorar como o poder opera por meio de redes, vigilância de dados e algoritmos nos ambientes organizacionais. Ao adotar a perspectiva de Deleuze, pode-se entender melhor como as organizações regulam e governam indivíduos na era digital.

Quando esses marcos conceituais são aplicados a fenômenos organizacionais específicos, eles oferecem insights valiosos. A lente de Nietzsche nos ajuda a compreender as lutas e conflitos de poder dentro de equipes ou departamentos. Os conceitos de Foucault iluminam as dinâmicas das práticas disciplinares e vigilância dentro de estruturas hierárquicas. O marco teórico de Deleuze fornece insights sobre as relações de poder em organizações em rede e o impacto dos avanços tecnológicos nas dinâmicas de poder.

No contexto da sociedade contemporânea, organizações e negócios, o conceito de existência como obra de arte tem implicações significativas. À medida que a transição para uma sociedade digital continua, os discursos sobre criação e inovação tornam-se fatores centrais para a diferenciação e vantagem competitiva. Nesse contexto, promover a criatividade e a liberdade individuais pode ser visto como um meio de fomentar a inovação e novas formas de criação de valor. No entanto, a realidade muitas vezes diverge dessa perspectiva. Em vez disso, observa-se uma proliferação de dispositivos destinados a apagar a subjetividade humana, reduzindo os indivíduos a meros objetos.

Consequentemente, a análise das relações de poder com base nas filosofias de Nietzsche, Foucault e Deleuze exige novas formas de subjetivação e existência no contexto contemporâneo, demandando uma reavaliação de nossa compreensão das relações de poder e seus efeitos nas subjetividades individuais e coletivas. A noção de existência como obra de arte serve como um marco útil para promover liberdade individual, criatividade e inovação, e para fomentar novas formas de criação de valor e diferenciação no contexto da sociedade contemporânea e das organizações humanas. No entanto, é importante reconhecer o crescimento significativo dos mecanismos de controle e vigilância, apesar do discurso contemporâneo enfatizar os aspectos mais humanos, como criatividade, inventividade e desejo.

Além disso, o conceito de existência como obra de arte desafia as perspectivas tradicionais sobre identidades individuais e coletivas, convidando-nos a reimaginar nossos papéis dentro das organizações e da sociedade. Ele nos encoraja a ver nossas vidas como processos criativos contínuos, onde moldamos ativamente nossas narrativas, valores e modos de ser. Ao adotar uma lente criativa e estética, pode-se transcender as restrições das estruturas de poder convencionais e explorar formas alternativas de organização, colaboração e expressão. Por outro lado, a realidade parece estar indo na direção oposta, com uma proliferação de mecanismos de controle e vigilância.

O discurso contemporâneo frequentemente sugere que abraçar a existência como obra de arte pode ter efeitos tangíveis dentro das organizações. Por exemplo, organizações que promovem um ambiente propício à autoexpressão criativa e experimentação são mais propensas a cultivar inovação, engajamento e bem-estar entre seus membros. Nesse sentido, desafiar as narrativas dominantes de produtividade e eficiência taylorista-fordista enquanto se enfatiza a importância da agência individual, autenticidade e a busca por um trabalho significativo pode ser transformador.

No entanto, o discurso frequentemente permanece desconectado da realidade, que é moldada por éticas de trabalho e mentalidades de gestão ainda dominadas pela metáfora do trabalhador mecânico, resultados de curto prazo, alcançar escala de produção e a lógica da padronização.

Além disso, a interseção das dinâmicas de poder e a busca pela existência artística apresenta tanto desafios quanto oportunidades únicas. As estruturas de poder tradicionais podem resistir ou cooptar empreendimentos criativos, levando a tensões entre expressão individual e demandas organizacionais. No entanto, organizações que reconhecem e abraçam o potencial transformador da existência como obra de arte podem fomentar culturas de empoderamento, autonomia e inclusão. Contudo, o discurso atual falha em fornecer políticas e práticas de gestão coerentes que estejam alinhadas com a estética da existência.

Subsequentemente, este artigo destaca as contradições “antigas” e “novas” inerentes ao discurso que apropria o conceito de existência como obra de arte. Ao reconhecer essas contradições, obtém-se insights mais profundos sobre a natureza multifacetada das dinâmicas organizacionais, bem como as possibilidades e limitações da agência individual e coletiva. Ao explorar casos específicos e exemplos, pode-se ilustrar como os princípios de existência como obra de arte podem fomentar criatividade, inovação e práticas transformadoras dentro das organizações.

No entanto, deve-se também estar ciente do potencial desses princípios serem cooptados e transformados em formas mais sutis e sofisticadas de controle e dominação. É crucial permanecer vigilante e examinar criticamente como a estética da existência pode ser mercantilizada ou apropriada por estruturas de poder dominantes.

Para enriquecer ainda mais os avanços teóricos e conceituais deste trabalho e suas implicações para organizações e sociedade, é necessário aprofundar certas áreas-chave. Primeiramente, a discussão em torno da sociedade digital, vigilância e controle digital pode ser mais desenvolvida. Compreender o conceito de controle através da modulação é essencial, pois destaca a maleabilidade e flexibilidade das estruturas de poder contemporâneas. A modulação dos fluxos captura multiplicidades, moldando-as e moldando-as de acordo com normas e comportamentos esperados. Nesse contexto, os conceitos de inovação, criatividade e existência como obra de arte tornam-se relevantes. Explorar as tensões entre conformidade e diferença e como a celebração da diversidade é contingente à ação dos indivíduos dentro de expectativas predefinidas contribuiria para uma compreensão mais nuançada das dinâmicas de poder dentro das organizações.

Além disso, avançar essa discussão à luz dos argumentos apresentados nas seções anteriores enriqueceria significativamente as contribuições teóricas e conceituais. Ao considerar as implicações de novos modos de existência, reconhece-se as profundas e muitas vezes lentas transformações que trazem às instituições sociais. Organizações, como importantes âmbitos de ação social, há muito enfrentam um desconforto entre a retórica de valorização da criatividade e autonomia e as realidades da prática. Explorar como as dinâmicas de poder se intersectam com a busca por inovação, criatividade e autonomia nas organizações iluminaria as complexidades da vida organizacional e as possibilidades de mudança transformadora.

Adicionalmente, a estética neoliberal do autoempreendedorismo requer uma exploração mais aprofundada, particularmente em relação a como o discurso do autoempreendedorismo se cruza com as relações de poder e suas implicações para indivíduos e organizações na sociedade contemporânea. Além disso, investigar os potenciais efeitos do autoempreendedorismo na

criatividade, inovação e desigualdade social contribuiria para uma compreensão mais abrangente das dinâmicas de poder no contexto do empreendedorismo.

Além disso, é importante examinar as implicações práticas dos insights apresentados neste artigo. Explorar como os conceitos de poder propostos por Nietzsche, Foucault e Deleuze podem informar práticas organizacionais e intervenções seria valioso para desenvolver abordagens alternativas ao poder e à subjetividade dentro das organizações. Além disso, estudar o potencial transformador da estética da existência em ambientes organizacionais abriria novas avenidas para promover criatividade, autonomia e diversidade enquanto desafia estruturas de poder dominantes.

Em síntese, este artigo fez uma contribuição oportuna e instigante para a discussão contínua sobre relações de poder e seus efeitos na sociedade, negócios e organizações. Ao analisar dinâmicas de poder pelas lentes de Nietzsche, Foucault e Deleuze, oferece novos insights sobre as dinâmicas dentro das organizações e seu impacto na sociedade. No entanto, para enriquecer ainda mais os avanços teóricos e conceituais deste trabalho e suas implicações para organizações e sociedade, é crucial aprofundar as áreas-chave mencionadas acima. Ao fazê-lo, pode-se aprofundar nossa compreensão das dinâmicas de poder nas organizações e suas implicações mais amplas para a sociedade, contribuindo, em última análise, para o desenvolvimento de abordagens mais inclusivas, criativas e centradas no ser humano para práticas organizacionais que promovam a humanização das organizações contemporâneas.

Referências

- Alvesson, M., & Willmott, H. (Eds.). (2012). *Critical management studies*. Oxford: Oxford University Press.
- Ansell-Pearson, K. (1991). *Nietzsche contra Rousseau: a study of Nietzsche's moral and political thought*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Berardi, F. (2011). *After the future*. Oakland: AK Press.
- Bilton, C. (2007). *Management and creativity: from creative industries to creative management*. Malden: Blackwell Publishing.
- Boltanski, L., & Chiapello, E. (2005). *The new spirit of capitalism*. London: Verso Books.
- Bostrom, N. (2005). A history of transhumanist thought. *Journal of Evolution and Technology*, 14(1), 1-25. DOI: 10.1.1.135.7891
- Braidotti, R. (2013). *The posthuman*. Cambridge: Polity Press.
- Butler, J. (1997). *The psychic life of power: Theories in subjection*. Stanford: Stanford University Press.
- Christensen, C. M. (1997). *The innovator's dilemma: when new technologies cause great firms to fail*. Cambridge: Harvard Business Review Press.
- Deleuze, G. (1995). *Negotiations: 1972-1990*. New York: Columbia University Press.
- Deleuze, G. (1992). Postscript on the societies of control. *October*, 59, 3–7. DOI: 10.2307/778828
- Deleuze, G. (1990). *Nietzsche and philosophy*. New York: Columbia University Press.

- Deleuze, G. (1988). *Foucault*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1983). *Anti-Oedipus*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1980). *A thousand plateaus: Capitalism and schizophrenia*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Dreyfus, H. L., & Rabinow, P. (1983). *Michel Foucault: Beyond structuralism and hermeneutics*. Chicago: University of Chicago Press.
- Elden, S. (2017). Foucault's theory of power. In *The Oxford handbook of power* (pp. 367–383). Oxford: Oxford University Press.
- Fairbairn, W. R. D. (1952). *An object-relations theory of the personality*. New York: Basic Books.
- Ferrando, F. (2019). *Philosophical posthumanism*. New York: Bloomsbury.
- Foucault, M. (2008). *The birth of biopolitics: Lectures at the Collège de France, 1978-1979*. New York: Palgrave Macmillan.
- Foucault, M. (1997). *Ethics: subjectivity and truth*. New York: The New Press.
- Foucault, M. (1995). *Discipline and punish: the birth of the prison*. New York: Vintage Books.
- Foucault, M. (1984). *The history of sexuality: an introduction*. New York: Random House.
- Foucault, M. (1986). *The care of the self: the history of sexuality* (vol. 3). New York: Vintage.
- Foucault, M. (1980). *Power-knowledge: selected interviews and other writings, 1972-1977*. New York: Pantheon Books.
- Gordon, C. (1980). *Michel Foucault: Power/Knowledge: Selected interviews and other writings, 1972-1977*. New York: Pantheon Books.
- Ham, B-C. (2017). *Psychopolitics: neoliberalism and new technologies of power*. London: Verso Books.
- Harari, Y. N. (2017). *Homo Deus: A brief history of tomorrow*. New York: Random House.
- Hardt, M., & Negri, A. (2000). *Empire*. Cambridge: Harvard University Press.
- Harvey, D. (1989a). From managerialism to entrepreneurialism: The transformation in urban governance in late capitalism. *Human Geography*, 71(1), 3–17. DOI: 10.2307/622613
- Harvey, D. (1989b). *The condition of postmodernity: an enquiry into the origins of cultural change*. Malden: Blackwell Publishers.
- Jørgensen, K. M. (2010). Self-formation as the ground of leadership: from heroic to aesthetic leadership. *Organization Studies*, 31(3), 323–342. DOI: 10.1177/0170840609357380
- Kail, P. J. E. (2011). *Nietzsche and the metaphysics of the tragic*. Oxford: Oxford University Press.
- Kärreman, D., & Alvesson, M. (2011). *The ontology of management: being and managing*. New York: Routledge.
- Kaufmann, W. (1974). *Nietzsche: Philosopher, psychologist, antichrist*. Princeton: Princeton University Press.

- Klein, M. (1932). *The psycho-analysis of children*. London: The Hogarth Press.
- Kurzweil, R. (1999). *The age of spiritual machines: When computers exceed human intelligence*. New York: Penguin Books.
- Lash, S. (2007). *Deleuze and philosophy: The difference engineer*. New York: Routledge.
- Lazzarato, M. (2014). *Signs and machines: capitalism and the production of subjectivity*. Los Angeles, CA: Semiotext.
- Liao, S. M. (2010). The status of moral status: A defense of a Kantian account. *Journal of Moral Philosophy*, 7(2), 159–181. DOI: 10.1163/174552410X489949
- Linstead, S., Maréchal, G., Griffin, R., & Barry, D. (2014). Critical leadership studies: the case for critical performativity. *Human Relations*, 67(11), 1313–1332. DOI: 10.1177/0018726713512380
- May, T. (1994). *The political philosophy of Michel Foucault*. New York: Routledge.
- Nietzsche, F. (2005). *The gay science*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Nietzsche, F. (2003). *Twilight of the idols*. London: Penguin Classics.
- Nietzsche, F. (1996). *The will to power*. New York: Vintage.
- Nietzsche, F. (1976). Richard Wagner in Bayreuth. In D. Breazeale (Ed.), *Philosophy and truth: Selections from Nietzsche's notebooks of the early 1870s* (pp. 83-122). Humanities Press.
- Nietzsche, F. (1967). *On the genealogy of morality*. New York: Vintage Books.
- Peters, T. J., & Waterman, R. H. (1982). *In search of excellence: Lessons from America's best-run companies*. New York: Harper & Row.
- Poster, M. (2004). Foucault, Deleuze, and the society of control. In *Deleuze and the social* (pp. 33-45). Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Protevi, J. (2009). *Deleuze and geophilosophy: a guide and glossary*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Rabinow, P. (1984). *Michel Foucault: beyond structuralism and hermeneutics*. Chicago: University of Chicago Press.
- Schwab, K. (2017). *The fourth industrial revolution*. New York: Crown Business.
- Turkle, S. (2011). *Alone together: why we expect more from technology and less from each other*. New York: Basic Books.
- Weick, K. E., & Sutcliffe, K. M. (2007). *Managing the unexpected: resilient performance in an age of uncertainty*. San Francisco: John Wiley & Sons.

Financiamento

Os autores agradecem o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

Notas

1. “David” de Michelangelo; “Cloud Gate” de Anish Kapoor; “The Panopticon Pine Island Penitentiary”; “Measuring the Universe” de Olafur Eliasson

Autoria

Anderson de Souza Sant’Anna

Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais, com pós-doutorado em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor na Fundação Getúlio Vargas, Escola de Administração de Empresas de São Paulo (FGV-EAESP). Pesquisador no Centro de Estudos em Organizações e Pessoas (NEOP FGV-EAESP). Psicanalista-membro do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG). Membro do Grupo de Estudos sobre Organizações, Psicanálise e Sociedade (CPMG).

E-mail: anderson.santanna@fgv.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6537-6314>

Renato Mezan

Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor titular na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Autor de dezesseis livros, três dos quais foram publicados na França, e de mais de sessenta capítulos de livros. Em 2015, foi agraciado com o Prêmio Jabuti pelo seu livro “O Tronco e os Ramos: Estudos na História da Psicanálise”, na categoria Psicologia, Psicanálise e Comportamento. Membro do Grupo de Estudos sobre Organizações, Psicanálise e Sociedade (CPMG).

E-mail: rmezan@uol.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9750-2407>

Matheus Cotta de Carvalho

Bacharel em Economia (UFMG). Psicanalista em formação no Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG). Presidente da Cooperativa Agroindustrial Holambra, com ampla experiência como executivo nos setores privado, público e terceiro setor, incluindo cargos de alta gerência em empresas como Copersucar, Banco Votorantim, BDMG e CSN. Membro do Grupo de Estudos sobre Organizações, Psicanálise e Sociedade (CPMG).

E-mail: matheus.cotta@icloud.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-8884-5601>

Conflito de interesses

Os autores informam que não há conflito de interesses.

Linguagem inclusiva

Os autores usam linguagem inclusiva que reconhece a diversidade, demonstra respeito por todas as pessoas, é sensível a diferenças e promove oportunidades iguais.

Contribuição dos autores

Primeiro autor: concepção (igual), curadoria de dados (igual), análise formal (igual), aquisição de financiamento (principal), investigação (igual), metodologia (igual), administração do projeto (principal), recursos (principal), supervisão (principal), validação (igual), visualização (igual), redação – rascunho original (igual), redação – revisão e edição (igual).

Segundo autor: concepção (igual), curadoria de dados (igual), análise formal (igual), aquisição de financiamento (apoio), investigação (igual), metodologia (igual), administração do projeto (apoio), recursos (apoio), supervisão (apoio), validação (igual), visualização (igual), redação – rascunho original (igual), redação – revisão e edição (igual).

Terceiro autor: Conceituação (igual), curadoria de dados (igual), análise formal (igual), aquisição de financiamento (apoio), investigação (igual), metodologia (igual), administração do projeto (apoio), recursos (apoio), supervisão (apoio), validação (igual), visualização (igual), redação – rascunho original (igual), redação – revisão e edição (igual).

Verificação de plágio

A O&S submete todos os documentos aprovados para a publicação à verificação de plágio, mediante o uso de ferramenta específica.

Disponibilidade de dados

A O&S incentiva o compartilhamento de dados. Entretanto, por respeito a ditames éticos, não requer a divulgação de qualquer meio de identificação dos participantes de pesquisa, preservando plenamente sua privacidade. A prática do open data busca assegurar a transparência dos resultados da pesquisa, sem que seja revelada a identidade dos participantes da pesquisa.

A O&S é signatária do DORA (The Declaration on Research Assessment) e do COPE (Committee on Publication Ethics).



Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional